

Panorama - Manu

Um buraco é um buraco; é um buraco.

"The time has come to throw away reticence."
(Memórias, Jimmy Carter.)

Bem — eis-nos no fundo do buraco. Nada se podia esperar senão esse resultado, num sistema que, durante 20 anos, tomou dinheiro emprestado para a orgia de seus orçamentos e planificações e, a pretexto de queimar etapas, acabou ateando fogo à economia; e isso particularmente pelo pedantismo e a incompetência do seu dialeto econômico, desde notadamente o governo Geisel, cuja pretensa auto-suficiência é cuja tola obstinação legaram toda essa herança de insolência e mendicância, que faria corar de pejo o experimentado Campos Salles. Foi o tempo em que o otimismo oficial regurgitante falava em colocar o Brasil, antes do fim do século, como terceira potência mundial, mas resvalou para a estupidez da posição de país violentado por uma das mais substantivas dívidas externas do Terceiro Mundo, e rolou feio escada abaixo. E o buraco aí está, a Nação dentro dele, toda moída, os ossos quebrados. Já não parece o círculo do Inferno ideado pelo Alighieri. Parece mais um filme de Woody Allen, onde o dr. Delfim, diga-se em sua homenagem, não é tão culpado de tudo.

Nunca se manipulou tanto o sonho, a mentira. Nunca se deformou tanto a verdade. De tal maneira que não apenas em matéria de economia e finanças, mas também no terreno político, chegamos à fronteira do que se alcunharia o ponto crítico do Sistema. Não há abertura que o oculte. Nem eleição que o encubra. Nem balé de elefante que promova milagres.

"Não se engana todo o mundo durante todo o tempo." O pensamento persiste atual. Impõe-se paralelamente a autenticidade de outro ditado: "Não se pode durante todo o tempo satisfazer todo o mundo". Por não entender nem um nem outro, o Sistema esgarçou o princípio de sua autoridade como um pedaço de retalho puxado por todos os lados. O que restou foi um governo mal-assombrado. Não há exorcismo que o livre dos seus maus espíritos; e o diabo é que ele jamais aprendeu nem aprenderá a conviver com tantas almas penadas. Não tem sensibilidade.

Uma coisa é certa: como está, a Nação não pode continuar. Ainda mais porque, graças a todas essas distorções e contrafações, a exemplo do coelho de *Alice no País das Maravilhas* (ora, as nossas maravilhas!), o Sistema já percorreu, e sem relógio, e sem desconfiômetro, toda a distância entre a superfície e o chão do precipício. Antes, via comunistas até embaixo da cama. Hoje, descobre lá os credores internacionais. Mas estes estão lá mesmo... A única vantagem, o consolo único, é já não vivermos a época em que os fuzileiros de Teddy Roosevelt e os canhões das fragatas de Sua Majestade vinham sempre atrás dos banqueiros caloteados de aquém e de além-mar, como persuasivos oficiais de Justiça, o que cabe agora ao Fundo Monetário.

Outra coisa incontestável é concluir-se que ninguém tem sabido administrar este país como se exige que alguém o administre. O pecado recai seja na incapacidade dos governantes frustrados, seja nas estruturas ultrapassadas, inconvenientes a qualquer desenvolvimento nacional. Com as estruturas que possuímos e que a revolução de março foi impotente para modificar, não adianta pensar em retomar um progresso que ou nunca houve no grau desejado ou se apresentou débil demais em face da impiedade dos nossos problemas e dos nossos dramas, sem excluir as nossas tragédias. Em muitos pontos, desde os pontos políticos aos administrativos, somos uma nação ocupada pela aflição. Pior — uma nação engasgada pelas ambições e pelos desvios que em parte decorrem da má qualidade dos seus alicerces. A questão residiu até aqui em que, tentando aprumá-los, sempre se pôs em perigo todo o edifício. Construíram-nos um mau pé-direito. E um péssimo sistema.

Abrimos crédito de confiança ilimitado à revolução de 64. Contudo, esquecemos que

Maurício Caminha de Lacerda

uma revolução se faz com o respaldo e pela participação da opinião pública inconformada com os paliativos inúteis e com o idiotismo das elites partidárias, tão preocupadas com a própria sobrevivência quanto desligadas das realidades do povo e do Brasil, assim como o bravo cacique Juruna, que trocou a flecha pelo gravador e o pajé pelo sr. Brizola, crê, em sua consciência xavante, que o problema da democracia está em tomar posse no Congresso livre do aborecimento do paletó e da gravata.

O mal de tantos assim ditos oposicionistas e revolucionários é que jamais se nutriram de pensamentos revolucionários ou oposicionistas autênticos. Ou imaginam a revolução e a anti-revolução instrumentos para consolidar-se no Poder, e no privilégio, e a eles retornarem; ou as tomaram, e ainda tomam, por um golpe de Estado para depor apenas as classes antagonicas e usufruiram as suas mordomias. No mais das vezes, não são reformadores. São reacionários freando a todo custo a vontade legítima do País. Nem ao menos sabem expor o que seja, no bolor do seu entendimento, um governo reformista. Pensam-no, e só, algo com um bodum de pessedismo antigo caldeado em socialismos andróides e em conservadorismos em simbiose com o obsoleto.

Assalta-nos a todos, ainda agora, digamos para reforço de argumento, a melancolia de ouvir líderes revolucionários declararem a Nação limpa da subversão e da corrupção. Basta olhar em torno para ver que não está. Como não está catalogada no que eles proclamam "a vontade nacional". Longe disso. Como longe disso é diligenciar para que se instale impunemente o revanchismo, transformando-se o caso Baumgarten em almejado degrau para uma Comissão Parlamentar de Inquérito contra o general Medeiros e o SNI.

Se esse pessoal, em lugar de almoçar carne-de-sol e churrasco regado a uísque com juristas de geração espontânea, fosse comprar um sorvete na lanchonete da esquina, veria que a vontade nacional é bem diversa e que a opinião dos freqüentadores e do moço do balcão não difere em nada das restrições que fazem e fizeram a mencionados processos de governar homens do quilate do sr. Milton Campos, do sr. Prado Kelly, do sr. Seabra Fagundes, do sr. San Thiago Dantas, do sr. Tancredo Neves, do sr. Golbery, do sr. Castelo Branco, do sr. Carlos Lacerda, do sr. Júlio de Mesquita Filho. Estes envelheceram com a dignidade que falta aos saltitantes colaboracionistas e contestadores que habitam o Sistema e coabitam a oposição, quando não florescem ao frio gelado dos empréstimos-jumbo, divorciados da cristalina vontade, esta sim, nacional.

A vontade brasileira não é absolutamente a dos ilustres cavalheiros que entopem a boca de frases feitas sobre reformas sem programas, entretidos pela prática, que não faz suor nem gera criatividade, dos conluios pessoais e partidários. Até o presidente Figueiredo, a despeito das suas ilusões desconfinadas, mereceria melhor sorte. O Brasil merece sorte melhor.

Não tem sorte o Brasil. Não a tem porque tais sujeitos o condenam ao espetáculo gay de um desenvolvimento de silicone e piada. Falam pelo tom do velho professor Salazar, sem os acertos financeiros do professor Salazar; com a agravante de confundirem a Pide com o PIB. Vão às raias do absurdo quando manejam o Brasil como um vaso de flores, ajeitando-o ao seu exclusivo gosto num desvão dos seus gabinetes, para então proclamarem aos papalvos: "Olhem que bela natureza morta!"

O País, para os iluminados de black-out, tornou-se espaço vazio — uma natureza morta. O povo, este não existe. A classe média foi liquidada. Estão ambos ocultos pelas sombras das paixões, das vaidades, dos equívocos, da insanidade que os mentores projetam sobre eles e entre si compartilham.

Passado o eclipse, pode acontecer outro buraco. Aposto que não vai dar para tanta gente.